

Onda de hiper surge após guerra

De acordo com o estudo do FMI, a inflação alta é um fenômeno moderno. Antes da 1ª Guerra Mundial, os episódios de inflação alta eram raros por causa da predominância de moedas conversíveis e moedas-mercadorias. A primeira onda de inflação alta veio na esteira da 1ª Guerra, quando o financiamento monetário dos grandes déficits fiscais provocados pela guerra deflagrou a hiperinflação — definida geralmente como a inflação a partir de 50% mensais —, na Áustria, Alemanha, Hungria e Rússia. Depois da 2ª Guerra, a hiperinflação reemergiu na Hungria, Grécia e China e desapareceu então por mais de três décadas, reaparecendo na Bolívia em 1984. A hiperinflação boliviana foi o primeiro episódio do Século XX sem qualquer relação com uma guerra ou revolução política. Mais recentemente, a hiperinflação apareceu de par com a guerra civil nos Estados da antiga Iugoslávia (com exceção da Eslovênia) e ameaça agora a Rússia e a Ucrânia.

Os episódios de hiperinflação se caracterizam por altas extremas de preços e raramente duram mais de 8 meses. A inflação mensal nos 12 meses anteriores à estabilização atingiu níveis tão altos quanto 19.800% na Hungria pós-2ª Guerra, 455% na Alemanha depois da 1ª Guerra e 58% na recente hiperinflação boliviana. No final dos anos 40, um tipo de inflação muito menos espetacular mas igualmente perverso começou a emergir: a in-

flação crônica. Alguns países em desenvolvimento, particularmente na América Latina, começaram, por essa época, a sofrer índices persistentes de inflação superiores a 20% ao ano. Em muitos casos — Argentina, Brasil e Uruguai são exemplos — a inflação crônica durou várias décadas. Os países costumam conviver com inflações crônicas criando diversos mecanismos de indexação. Mas, ao mesmo tempo em que tornam a inflação mais tolerável, esses mecanismos enfraquecem a vontade política de erradicá-la. No fim das contas, a inflação alta torna-se um dado da paisagem econômica.

A distinção entre hiperinflação e inflação crônica é crítica para o entendimento das políticas de estabilização. A hiperinflação exhibe três características marcantes. Primeira: tem geralmente uma origem fiscal clara, uma vez que eclode em países de inflação tradicionalmente baixa, em face da necessidade temporária de receitas fiscais extraordinárias. Segunda: os contratos em valor nominal desaparecem gradualmente quando expostos a taxas extremas de inflação, uma vez que a maior parte dos salários e preços passa a ser indexada a uma moeda estrangeira (e muitas transações são feitas efetivamente em moeda estrangeira). Terceira: a hiperinflação traz com ela tamanho caos econômico e social que a opinião pública se convence de que tal situação não pode ser mais suportada.